

Rui Chafes

CHEGAR SEM PARTIR

Museu e Parque de Serralves

Porto, 21 de julho

Mecenas da exposição



Desde o seu primeiro dia, o Museu de Serralves tem vindo a desenvolver uma estratégia de promoção e dinamização da arte contemporânea nacional assente na organização e produção de exposições monográficas com artistas portugueses de diferentes gerações e áreas de formação. As exposições realizadas recentemente em torno da obra de vários artistas essenciais do panorama da arte em Portugal têm possibilitado uma visão atual e crítica da criação artística do nosso país.

Na continuação deste objetivo, o Museu de Serralves convidou o artista Rui Chafes (Lisboa, 1966) para integrar a programação do segundo semestre de 2022 com uma grande exposição que se estende do interior do edifício projetado pelo arquiteto Álvaro Siza aos jardins exteriores, num diálogo inédito com o parque e a envolvente natural do Museu, que serve simultaneamente de inspiração e cenário para uma reflexão sobre a diversidade da sua prática escultórica. A exposição conta com o apoio da Fundação "la Caixa", em colaboração com o BPI.

Com uma obra teórica conceitualmente ancorada nas premissas fundamentais do gótico tardio e do romantismo alemão, enriquecida pelas heranças universais de Marcel Duchamp (1887–1968), dos pós-minimalistas americanos e de artistas incontornáveis como Joseph Beuys (1921–1986), Chafes é um autor que se define por uma consistência e rigor incomuns, e que discretamente se tem mantido distante de tendências e preocupações politicamente intervencionistas. Amplamente representado na Coleção de Serralves, o artista tem sido uma presença regular na programação do Museu, participando de várias exposições no Porto, mas também nas instituições parceiras que integram o Programa Nacional de Itinerâncias de Serralves. *Chegar sem partir*, com curadoria de Philippe Vergne e Inês Grosso, em

SERRALVES

estreito diálogo com o artista, representa o culminar de anos de colaboração, assim como um pretexto para revisitar momentos marcantes do percurso de um dos mais relevantes escultores da atualidade.

Rui Chafes licenciou-se em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 1989. Entre 1990 e 1992 viveu na Alemanha, onde frequentou a Academia de Arte de Düsseldorf, sob a direção de Gerhard Merz (1947) — artista de um formalismo rigoroso e profundamente vinculado às premissas do modernismo. É então que, com apenas vinte e seis anos, traduz os *Fragmentos* de Novalis, para português (1992, Assírio & Alvim), numa edição acompanhada por um conjunto de desenhos que simbolizam admiravelmente a unidade entre natureza e espiritualidade. No período inicial da sua produção, e em particular no contexto das primeiras exposições individuais organizadas pela Galeria LEO (1986 e 1987) e pelo Espaço Poligrupo / Renascença (1988), ambas em Lisboa, destacam-se as instalações temporárias realizadas com materiais banais e perecíveis, como o Plutex, ripas de madeira, troncos e canas. Estes trabalhos já anunciavam um dos aspetos centrais do que viria a ser a sua obra escultórica: a relação entre escultura, espaço e corpo. A partir de então dedica-se ao uso exclusivo do ferro, que posteriormente é polido e pintado a negro mate, fazendo desaparecer os vestígios e marcas da execução. Rui Chafes martela, solda e combina placas de ferro para criar famílias de objetos enigmáticos e misteriosos que, parafraseando o artista, são sombras ou uma espécie de negativo do mundo que encarcera e aprisiona o vazio, o silêncio absoluto: casulos, ninhos, insetos, couraças, máscaras ou peças de vestuário representam simultaneamente uma memória e uma pele que protegem e anunciam um corpo ausente.

Cobrindo mais de três décadas de atividade, a exposição *Chegar sem partir* inclui trabalhos da fase inicial da sua produção escultórica e um conjunto de obras especificamente pensadas para o Museu e Parque de Serralves. O título remete para a noção de ciclicidade do tempo, da repetição infinda de acontecimentos, lembrando que todos estamos sujeitos a esta circularidade, à vertigem abissal do eterno retorno. Do seu enunciado à sua materialização, este grupo de peças sugere sensações de estranhamento, tensão e angústia. Incisões que ferem e abalam as nossas crenças e certezas existenciais.

SERRALVES

No interior do edifício, no Museu podemos encontrar uma sequência de momentos e ambientes, instalações tão mentais quanto sensoriais que colocam o corpo do espectador em confronto com o espaço e as obras e, em última instância, consigo mesmo. A exposição convoca conceitos e dualidades muito presentes na obra do artista, tais como, silêncio-vazio, presença-ausência, escuro-frio, dor-sofrimento, pausa-movimento, memória-tempo, vida-morte.

Sudário, uma escultura de 2018, cujo título evoca a mortalha que envolveu o Corpo de Cristo, é a peça que primeiro recebe os visitantes. Suspensa no corredor, a poética espiritual e mística desta obra funciona como prólogo e epílogo. Uma vez na primeira sala, somos engolidos por uma escuridão profunda à medida que o silêncio e o vazio se impõem. Depois de uns minutos, quando os olhos se habituem, identificamos a presença espectral de cinco esculturas que pairam no ar como vultos de objetos cortantes. *Tranquila ferida do sim, faca do não* (2013/18), oferece uma experiência mística e metafísica no espaço, um momento de epifania e revelação. A partir daí, a exposição apresenta-nos um conjunto de obras significativas no percurso de Rui Chafes, algumas das quais foram destruídas após a sua primeira e única apresentação, como é o caso das instalações *site-specific Medo não medo* (1988/98) — refeita e adaptada ao longo corredor desenhado por Álvaro Siza — e *A não ser que te amem*, (1987) que explora a relação entre cor, corpo e imaterialidade. Nela, o visitante é desafiado a vivenciar a cor, um azul Klein que desmaterializa as formas curvas do Platex, ao mesmo tempo que apela às noções de permanência e efemeridade, memória e experiência, sempre transversais à obra do artista. Das grandes instalações escultóricas, destaca-se ainda *Sem nascer nem morrer* (2022), concebida para a pequena sala onde todas as outras bifurcam, e *Burning in a forbidden sea* (2011), acompanhada por uma composição sonora e texto da artista irlandesa Orla Barry que nos transporta para o ambiente de um ritual xamânico, uma evocação de práticas ancestrais que conjuga escultura, som e palavra.

Como sombras flutuantes, as suas esculturas de ferro negras habitam um espaço sem gravidade que desafia a nossa percepção e entendimento das relações entre volume, massa e espaço. Esta é a razão pela qual muitas vezes não tocam o solo ou, quando tocam, o fazem fugazmente: instantes suspensos no tempo e no espaço, como os sapatos de palhaço, esquecidos no vazio da solidão em bicos de pés.

SERRALVES

Em *Não quando os outros olham II* (1996), o artista convoca a figura trágica do palhaço beckettiano; o palhaço, silencioso, melancólico, que esconde o corpo e as emoções atrás de uma máscara. Aqui, o vazio converte-se, uma vez mais, em gesto e em presença no espaço. A ação de suspender o tempo é um dos aspetos mais relevantes da obra de Rui Chafes.

O diálogo e interação entre corpo, obras e espaço está também presente nas esculturas de menores dimensões, como as obras da série *Cristal* — máscaras que constroem, enclausuram e torturam o corpo — e nas caixas com cinzas de papéis sobre os quais figuraram notas e apontamentos pessoais do artista — *O silêncio de...* (1984/2022) —, túmulos selados que nos recordam que somos pó e voltaremos à nossa essência (Gn 3,19).

O desenho, uma prática recorrente e compulsória que Chafes raramente traz para a esfera pública, surge pela primeira vez ao lado das esculturas, como um fio condutor, poético e conceptual da exposição. Com referências a elementos do mundo botânico e a uma natureza exuberante que pulsa e irradia do papel, estes desenhos são elos de ligação entre o mundo natural e as formas puras das esculturas.

No *hall* do Museu, uma sequência de mais de vinte esculturas pertencentes à série *Balthazar* recorda-nos a paixão que o artista nutre pelo cinema, neste caso uma alusão a *Au hasard Balthazar* [Peregrinação Exemplar, 1966], um dos filmes mais aclamados do cineasta francês Robert Bresson (1901-1999), que conta a história de um burro desde a sua infância bucólica, numa pacata aldeia dos Pirenéus, até à idade adulta como animal de carga oprimido. As deambulações do burro Balthazar exprimem noções fundamentais do universo de Bresson: o acaso, a condição humana e os defeitos, qualidades e virtudes que nos distinguem. A obra recorda-nos os acessórios de equitação, entre eles cabeçadas e rédeas, dispostos em fileira como troféus numa alusão à nossa própria condição humana. É importante salientar a multiplicidade de referências ao cinema, mas também à literatura e à música, que podemos encontrar na obra de Chafes, muitas vezes no papel de argumento ou inspiração para os títulos das suas obras e exposições.

A exposição prossegue nos jardins de Serralves, um passeio pelo Parque e pela carreira do artista que apresenta esculturas de diferentes

SERRALVES

períodos e outras criadas especificamente para este contexto — como é o caso de *Chegar sem partir*, a escultura de 6 metros que dá título à exposição. Neste caso, o artista cria a ilusão de um movimento de rotação, um vórtice centrípeto que propõe conceitos aparentemente dicotômicos: peso e solidez, fluidez e leveza. A obra teve como ponto de partida uma gravura do pintor e gravador japonês Katsushika Hokusai (1760–1849), na qual um grupo de viajantes é atingido por uma rajada repentina de vento, que leva chapéus e papéis pelos ares. Outra obra concebida para os jardins de Serralves, *Tu e eu* (2022), encontra afinidade com uma peça anterior, atualmente no Museu de Arte Contemporânea de Roma (MACRO), e consiste em dois elementos verticais, de oito metros de altura encostados num improvável equilíbrio que nos lembra as varas de ferro sustentadas por bolas de golfe no já referido corredor do Museu.

Ao longo dos anos, habituámo-nos a ver as esculturas negras de Rui Chafes em diferentes contextos — igrejas, jardins, palácios, espaços públicos —, estabelecendo relações de complementaridade e dependência mútua com o seu entorno. Das obras instaladas nos jardins de Serralves, relevamos ainda as peças *Comer o coração* — que teve origem numa parceria entre o artista e a coreógrafa e bailarina Vera Mantero no âmbito da 26.ª Bienal de São Paulo (2004), um trabalho que convoca uma negociação entre escultura, corpo e performance e tem a Casa de Serralves como pano de fundo — e *Volúpia Prudente, indómita fome* (2000) que, totalmente camuflada nos jardins, envolve o tronco de uma árvore como uma armadura ou carapaça.

Por último, no âmbito desta exposição, inaugura ainda uma escultura subterrânea intitulada *Travessia*, um projeto especialmente pensado para o Passeio da Levada que amplia a área de visitação do Parque. Evocando as ideias de peregrinação e de renovação mística, o artista convida-nos a percorrer um trilho sinuoso, um túnel escuro que termina numa câmara central iluminada por raios de luz natural que são até ali conduzidos por um óculo, e revelam uma escultura de formas orgânicas reminiscentes de um casulo em metamorfose. O artista convoca as relações entre arte, arquitetura e espiritualidade, templo e arquitetura, abrigo e refúgio, sagrado e profano, luz e trevas, misticidade e transcendência. Com a inauguração desta obra, Rui Chafes junta-se à lista de artistas com esculturas permanentes nos jardins do museu — uma coleção de arte contemporânea viva, em

SERRALVES

constante crescimento e atualização — entre as quais destacamos as obras de Alberto Carneiro e Richard Serra, nomes relevantes na formação do escultor português.

Catálogo

A exposição é acompanhada por uma publicação composta por dois volumes, o primeiro dos quais, para além dos textos dos curadores da exposição, conta com o contributo de uma série de autores que têm acompanhado a obra do artista ao longo das últimas décadas: Armin Zweite, Doris von Drathen, Maria Filomena Molder, Nuno Crespo e Ulrich Loock. O livro inclui ainda um ensaio fotográfico inédito que nos mostra, através do olhar do designer Pedro Falcão, imagens do atelier e do processo de trabalho do artista.

O segundo volume, com data de lançamento prevista para setembro, oferece um vasto conjunto de vistas da exposição e das obras, possibilitando um percurso pelo Museu e seu entorno.

Sobre o Mecenas:

BPI e Fundação "la Caixa"

A Fundação "la Caixa" iniciou em 2018 a sua implantação em Portugal, consequência da entrada do BPI no Grupo CaixaBank. Em 2022, destina 40 milhões de euros a projetos sociais, de investigação, educativos e de divulgação cultural e científica e mantém o seu compromisso de alcançar um investimento de até 50 milhões de euros anuais em Portugal nos próximos anos, quando todos os seus programas estiverem implementados em Portugal.

A Fundação "la Caixa" é hoje, perto de 120 anos após a sua criação em Barcelona, Espanha, uma das maiores fundações da Europa e uma das mais importantes do mundo, com um orçamento anual superior a 500 milhões de euros, assumindo como missão construir uma sociedade melhor e mais justa e posicionando-se como entidade de referência no desenvolvimento de soluções duradouras que cubram as necessidades básicas dos grupos mais vulneráveis, favoreçam o progresso social e aproximem a ciência e a cultura a todos os segmentos da sociedade.

www.fundacaolacaixa.pt www.bancobpi.pt

Fernando Rodrigues Pereira
Assessoria de Imprensa / Press Officer
Telm. 00 351 925409295
apoio.imprensa@serralves.pt